

A classificação das ciências na biblioteca do Conde da Barca

Márcia H.M. Ferraz

Resumo

Antônio de Araújo de Azevedo (1754-1817), Conde da Barca, ocupou diversos cargos junto ao governo português, aproveitando para aprofundar seus conhecimentos em ciência moderna e ampliar a sua biblioteca. Em 1807, a biblioteca chegou ao Brasil, onde continuou a crescer. Após a morte do Conde da Barca, a biblioteca foi posta à venda, para o qual era essencial a elaboração de um catálogo, atualmente depositado na Biblioteca Nacional do Brasil. No presente estudo abordamos as possíveis fontes do catálogo da biblioteca do Conde da Barca e reconstruímos a árvore bibliográfica da mesma. Diferente do que já foi afirmado, o nosso estudo sugere que os livros do Conde da Barca não foram classificados de acordo com Jean Garnier. A classificação de Jacques C. Brunet, ao menos quanto às grandes classes, seria a que mais se aproxima do caso aqui estudado. Importante ressaltar que se trata de um período de transição, em que alguns ramos relativos à ciência, na árvore do conhecimento desaparecem, enquanto outros, representando novas especialidades vão surgindo e se fortalecendo. Assim, não seria de se esperar que um modelo único fosse seguido. De qualquer forma, essa coleção e sua classificação refletem não só a forma de pensar daquele momento como também da pessoa que está fazendo uso dos livros.

Palavras-chave

Organização do conhecimento; Século XVIII; Conde da Barca; Biblioteca; Catálogo

The classification of sciences in Count Barca's library

Abstract

Antônio de Araújo de Azevedo (1754-1817), Count Barca, had several positions in the Portuguese government, which he took profit to improve his knowledge on modern science and enlarge his personal library. In 1807 the library arrived to Brazil, where it continued to grow. Following the death of Count Barca, the library was put to the market, for which purpose a catalog was elaborated, currently deposited at the Brazilian National Library. In the present study I discuss the possible sources for the library's catalog and reconstructed its bibliographical tree. Different from previous assertions, the results suggest that Count Barca's books were not classified following Jean Garnier. Relative to the broadest categories, Jacques C. Brunet's classification seems to be the closest one. One should bear in mind that this was a time of transition, along which some branches of science disappeared from the tree of knowledge, while others, corresponding to new specializations, emerged. Therefore, one could not expect to find one single model of classification. In any case, Count Barca's library and its classification do not only represent the contemporary thought, but also of the individuals who made use of the books.

Keywords

Organization of knowledge; 18th century; Count Barca; Library; Catalog

Quem foi o Conde da Barca: brevíssima biografia

Antônio de Araújo de Azevedo (1754-1817) ocupou diversos cargos junto ao governo português, tanto no Reino (Portugal e Brasil) quanto no estrangeiro. Nesse último caso, foi representante do governo em embaixadas em diferentes países. Segundo parece, teria obtido, ainda muito novo (depois de passar por Coimbra, onde cursou o primeiro ano do curso Filosófico), as graças de pessoas influentes, que conseguiram a indicação para seu primeiro cargo diplomático, como ministro do governo português em Haia. À embaixada nos Países Baixos seguiram-se outras, até que em 1804,¹ de volta a Portugal, passou a exercer cargos políticos. Foi, inicialmente, ministro e secretário de estado dos negócios estrangeiros e de guerra e, posteriormente (a partir de 1806), também secretário dos negócios do reino, embora por um curto período. A acreditar nos registros da época, sua atuação para a finalização de diferentes tratados com as nações amigas não teria dado bons resultados, o que levou à sua demissão. O mínimo de que lhe acusaram é de ter aconselhado mal o príncipe (que atuava, de fato, no lugar da rainha) no tocante às ações belicosas da França, ao não prevenir a tempo a invasão de Portugal pelo exército de Jean A. Junot (1771-1813).²

Assim, ele perdeu o principal cargo para D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1755-1812, ministro e secretário de estado dos negócios estrangeiros e de guerra) e passou a fazer parte ‘apenas’ do Conselho do Príncipe, condição em que veio ao Brasil em 1808. Apenas em 1814 readquiriu o cargo de ministro da corte. Foi feito conde em 1815, dois anos antes de sua morte, no Rio de Janeiro.

De seu período no Brasil, são conhecidas suas ações para trazer a Missão Artística Francesa em 1816, os trabalhos realizados no laboratório químico instalado em seu palacete na Rua do Passeio, local que também recebeu os prelos que fizera embarcar pouco antes de deixar os cais de Lisboa. Digno de nota foi também seu *Hortus Araujensis*, com mais de mil espécies diferentes, atestando, mais uma vez, seu interesse pelas ciências.³

¹ Araújo de Azevedo partiu para sua missão em Haia em 1789, passando antes pela Inglaterra e pela França; retornou a Portugal por um curto período, em 1800, sendo encarregado no ano seguinte de uma missão secreta junto a Napoleão, sem muito sucesso; seu próximo destino foi São Petersburgo (Rússia), o que permitiu estadas curtas na Suécia e na Dinamarca; visitou também a Alemanha (em licença do cargo), sempre buscando se aperfeiçoar nas ciências; vide José Z.M. Brum, “Do Conde da Barca, de seus escritos e livreria,” *Anais da Biblioteca Nacional* II, 1876-1877, 5-33, especialmente 8-11.

² Vide Abel L.F. Rodrigues, “Entre o Público e o Privado: A Gênese do Arquivo do Conde da Barca” (dissertação de mestrado, Universidade do Minho, 2007), 49.

³ Sebastião F.M. Trigo, “Elogio Histórico do Conde da Barca,” *História e Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Tomo VIII, parte II (Lisboa: Tip. da Academia, 1823), xv-lxvi, especialmente xli e xliii; sobre a Impressão Régia e a atuação de Araújo de Azevedo, vide Rogéria M. de Ipanema, “Arte da Imagem Impressa: A Construção da Ordem Autoral e a Gravura no Brasil do Século XIX” (tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2007), 66 et seq.

A 'livraria'

Relativamente aos cargos ocupados, o que nos interessa mais de perto, é que, durante os períodos nas embaixadas, Araújo de Azevedo pôde se dedicar a conhecer melhor a ciência moderna e ampliar sua biblioteca. Saindo de Portugal em 1789, a caminho de Haia, passou pela Inglaterra, onde esteve por nove meses e teria contactado, entre outros Joseph Banks (1743-1820). Na França, destino seguinte a caminho de Haia, Araújo de Azevedo teria se encontrado com Antoine-L. Lavoisier (1743-1794), Antoine-F. de Fourcroy (1755-1809) e outros grande nomes das ciências do período. Não foi diferente em Haia, onde muitos foram os contatos com homens de ciência, segundo seu elogio fúnebre, apresentado na Academia Real das Ciências de Lisboa. Anos mais tarde, aproveitou uma licença para percorrer várias cidades nas terras germânicas, onde uma adquiriu coleção mineralógica de Abraham G. Werner (1749-1817), teve contato com Johann W. Goethe (1749-1832) e Martin H. Klaproth (1743-1817), entre outros estudiosos.⁴

Segundo parece, o Conde da Barca, teria começado a formar sua 'livraria' (ou biblioteca) a partir do momento que deixou Portugal com destino à Haia, adquirindo em cada país por que passou grande número de livros antigos e raros.⁵ Em sua época em Haia, ele já teria angariado uma considerável coleção de livros, que mereceu um catálogo, datado de setembro de 1802 e depositado na Biblioteca Nacional de Portugal. Constando de 125 fólios, o catálogo está organizado em ordem dos autores, ou temas, segundo consta da descrição do documento.⁶

Uma vez estabelecido novamente em Lisboa, entre 1804-5, Araújo de Azevedo resolveu trazer sua livraria para perto. Assim, fez embarcar num veleiro 62 caixões contendo os livros e a coleção de mineralogia (adquirida de Werner). O veleiro, no entanto, caiu nas mãos de piratas, pois interessava muito seu carregamento principal, que era trigo. Consta que apenas com a intermediação do embaixador de Portugal em Londres, Araújo de Azevedo pode ter novamente sua livraria, que não haveria de 'descansar' muito em Portugal, pois, em novembro de 1807, a biblioteca iniciou uma nova viagem, desta feita, cruzando o Atlântico, na mesma nau *Medusa* que trouxe o Príncipe D. João ao Rio de Janeiro.

⁴ Trigo, xxiii e xix; Albin E. Beau, menciona o registro feito por Goethe da visita de Araújo de Azevedo; vide *Estudos* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1964), II: 41.

⁵ Brum, "Conde da Barca", 10.

⁶ Com 125 fólios, foi depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, em 1902: *Bibliotheca araujiana ou catalogue des livres de la bibliothéque de son Excellence, Monsieur le Commandeur d'Araujo d'Azevedo, Envoyé Extra-ordinaire et Ministre Plénipotentiaire de Son Altesse Roiale le Prince Régent de Portugal près de la Cour de Russie... placée à la maison du bois, près de la Haye en Septembre 1802 et confiée á... J. D. Nierdt] Ms COD. 1201.*

É digno de nota que a Biblioteca Real apenas posteriormente foi embarcada, em três partidas diferentes.⁷

A livraria de Araújo de Azevedo continuou a crescer no Brasil, pois constam do catálogo obras publicadas em datas posteriores à chegada ao Rio de Janeiro,⁸ e quando de sua morte, em 1817, foi herdada por seu irmão. Aliás, João Antônio de Azevedo de Araújo (1764-1823) herdou também a casa da Rua do Passeio, palco de muitas das atividades do Conde da Barca no Brasil, que o tornaram bem conhecido: a instalação de laboratório químico e das máquinas da imprensa régia. Herdou, ainda, alguns quadros e... uma imensa dívida.⁹

João Antônio vendeu a casa da Rua do Passeio, buscou formas de receber por serviços prestados por seu irmão ao governo e resolveu, ainda, vender a coleção de livros.¹⁰ Aliás, era muito comum que bibliófilos e bibliógrafos se afundassem em dívidas (muitas vezes por conta dos livros adquiridos) e a biblioteca se transformava na salvação... ou parte dela. Apenas como exemplo, lembremos o caso de Antoine-René de Voyer, o Marquês de Paulmy (1722-1787),¹¹ que, endividado, vendeu sua rica biblioteca ao Conde de Artois (1757-1836), que viria a ser o rei Charles X, da França (de 1824 a 1830). Benevolente, o Conde permitiu que Paulmy, pelo resto da vida, continuasse a desfrutar da grande coleção instalada no Arsenal, onde vivia por exercer cargos militares.¹² Pensando nestes problemas, Martin S. Boulard (1748?-1809?), livreiro e impressor estabelecido em Paris, em seu *Traité élémentaire de bibliographie*, de 1804, recomenda “bom gosto e prudência”, principalmente

⁷ Alberto Feio “A Livraria e os ‘Ex-Libris’ do Conde da Barca Gravados por Bartolozzi,” *Anais das Bibliotecas e Arquivos* 9 (1931):26-34, em 26; Andréa S. Pinheiro, & Luciana Muniz, “Antônio de Araújo de Azevedo, o Conde da Barca: Política, Ciências e Saberes na Biblioteca de um Diplomata Português,” *Biblioteca Nacional*, <https://bndigital.bn.br/projetos/200anos/araujense.html>; acesso em 30/10/16; Brum, “Conde da Barca”, 13-4; Lilia M. Schwarcz, Ângela M. da Costa, & Paulo C. Azevedo, *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: Do Terremoto de Lisboa à Independência do Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), 356-7

⁸ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Divisão de Manuscritos, “Catálogo de Livros da Biblioteca do Conde da Barca,” Ms 1298806; nesse catálogo, ver, por exemplo, itens 1599 e 1600, datados de 1812; item 1523, de 1814; e, ainda, itens 1605 e 1606, de 1817, ano de sua morte.

⁹ Alguns detalhes sobre a herança deixada por Araújo de Azevedo podem ser vistos em Rodrigues, 8 et seq. e, ainda, em José Z.M. Brum, “Do Conde da Barca, de seus escriptos e livraria – continuação,” *Anais da Biblioteca Nacional*, II, 1876-1877, 359-403 especialmente em 361.

¹⁰ Antes, porém de dar seguimento ao processo, seu irmão separou documentos oficiais que devolveu ao governo e guardou os pessoais e cerca de 400 títulos. Este últimos, mais tarde, passaram a fazer parte de uma coleção em Portugal, com uma história bem interessante, inclusive em termos de sua organização e classificação ao longo do tempo; tais documentos seguem outros caminhos, mas não é o caso de aqui darmos detalhes. Ver Rodrigues, *ibid.*

¹¹ Antoine-René de Voyer, marquês de Paulmy, depois, terceiro marquês d’Argenson.

¹² Márcia H.M. Ferraz, & Ana M. Alfonso-Goldfarb, “Alquimia na Bastilha: Os Documentos sobre du Bois e sua Receita da Pedra Filosofal,” in *Milenio y Memoria / III Congreso Internacional Europa-América*, ed. Celina Lértora Mendoza (Buenos Aires: FEPAI, 2010), 1-7.

aos que ele denomina ‘amantes’ do livro (termo usado para diferenciar de outros bibliógrafos, que seriam os bibliotecários e os livreiros).¹³

Para a venda de uma coleção importante era fundamental preparar uma relação dos livros e dos outros documentos que a compunham. Assim, usualmente se elaboravam os catálogos que, num primeiro momento, serviam como informativo do conteúdo da biblioteca colocada à venda, pois descreviam os livros quanto à edição e sua raridade, formato e encadernação, e, ainda, às vezes, mencionavam o preço dos exemplares. Mas os catálogos não eram adquiridos apenas pelos potenciais compradores dos livros, eles interessavam também aos bibliófilos, de uma maneira geral, que mantinham esse tipo de publicação em suas bibliotecas. E havia mesmo, catálogos dos catálogos.¹⁴

Também no caso da livraria do Conde da Barca foi elaborado um catálogo, cuja autoria ainda gera dúvidas. De qualquer forma, o catálogo manuscrito (ou uma cópia do original), depositado na Biblioteca Nacional do Brasil, enumera os livros levados a leilão pelo herdeiro, em 1819, para serem vendidos como um conjunto. O Príncipe Regente, interessadíssimo nos tesouros ali guardados, mandou seu bibliotecário, o Padre Joaquim Dâmaso, adquirir a coleção de 2.419 itens. Após a transação, a Biblioteca do Conde da Barca foi incorporada à Biblioteca Real do Príncipe, hoje em sua sucedânea, a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.¹⁵ O valor acordado, um pouco mais de 16 contos de reis, só viria a ser pago, corrigido, em 1860, depois de muitas ações jurídicas por parte dos herdeiros sucessivos e esforços do governo para levantar fundos para saldar a dívida.¹⁶ A hoje denominada Coleção Araujense encontra-se dispersa entre as várias coleções da Biblioteca Nacional e muitos de seus exemplares perderam o ex-libris do Conde, que permitiria sua identificação e localização. Mas, para o tema principal deste trabalho, ao menos temos um catálogo, cuja organização e seus critérios queremos conhecer melhor.

¹³ Martin S. Boulard, *Traité Élémentaire de Bibliographie, Contenant la manière de faire les Inventaires, les Prisées, les Ventes publiques et de classes les Catalogues; Les bases d'une bonne Bibliothèque, et la manière d'apprécier les livres rares et précieux; Ouvrage utile à tous les Bibliographes, et particulièrement aux Bibliothécaires et aux Libraires qui commencent* (Paris: Boulard, 1804); especialmente em 7, onde menciona os três tipos de bibliógrafos; e em 10, com conselhos e cuidados necessários para não destruir uma fortuna adquirindo livros: “Não basta que um homem tenha o desejo de formar uma biblioteca, esse desejo será uma fonte de desgostos e um meio de destruir sua fortuna, caso ele não tome como regra de sua conduta o bom gosto e a prudência.”

¹⁴ Thomas H. Horne, *An Introduction to the Study of Bibliography: To which is Prefixed A Memoir on the Public Libraries of the Antients* (London: T. Cadell and W. Davies, 1814); o volume 2, em especial, traz longa lista de bibliografias.

¹⁵ Rodrigues, 10; Brum, “Conde da Barca – continuação”, 361.

¹⁶ Brum se refere longamente às transações dos herdeiros visando receber o valor acordado; ver “Conde da Barca – continuação”, 359 et seq., onde extensa documentação é transcrita.

O catálogo da Livraria do Conde da Barca

Estudos anteriores apontam diferentes fontes para a elaboração do catálogo da livraria do Conde da Barca. Assim, um trabalho de 2009, que buscava estudar a constituição do acervo da Real Biblioteca, afirma que sua classificação seguia “um critério da época, retirado do catálogo da biblioteca do conde da Barca”. Este, por sua vez (ainda de acordo com o referido trabalho) estaria baseado “na classificação estabelecida pelo jesuíta Jean Garnier (1612-1681), em 1678, (*Systema Bibliothecae Collegii Parisiensis S.J.*), que distingue cinco grandes categorias: Jurisprudência [...], Ciências e Artes [...], Belas-Letras [...], História [...] e Teologia [...]”¹⁷ Ao examinarmos, entretanto, o mencionado texto de Garnier, vemos que as principais categorias desse autor são: Teologia, Filosofia (Filosofia propriamente dita, Matemática, Medicina, Gramática, Oratória, Poética, Filologia), História, Jurisprudência, Heterodoxia e Cimélio.¹⁸ Se levarmos em conta que Garnier preparou o catálogo em finais do século XVII para a biblioteca da Companhia de Jesus, em Paris, as divisões utilizadas pelo autor ganham sentido. De qualquer forma, como podemos ver, as categorias apontadas não correspondem exatamente às de Garnier. No entanto, a consulta ao catálogo da biblioteca do Conde da Barca mostra a seguinte divisão: Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Literatura e História.¹⁹ Ou seja, não seria a classificação de Garnier a base para a organização dos livros do Conde da Barca.

Outro trabalho recente dá como fonte para a elaboração do catálogo ora analisado, as publicações de Jacques C. Brunet (1780-1867), o que nos parece uma boa aproximação, pois, de maneira geral, as divisões coincidem.²⁰ No entanto, tudo leva a crer que, mais uma vez, o original (nesse caso, o trabalho de Brunet) não foi consultado, pois encontramos referência a um texto publicado em 1898,²¹ em que algumas das subdivisões das “Ciências e Artes”, por exemplo, correspondem mais bem à divisão e denominações de algumas áreas das ciências de finais do século XIX: “Ciências Filosóficas”, Ciências Físicas e Química”, Ciências Naturais”, Ciências Médicas”, etc.²²

¹⁷ Lúcia M.B.P. das Neves, “O ‘Livro para Nele se Fazer Memória de Todas as Obras que Entrarem na Real Biblioteca’,” in *O Império por Escrito: Formas de Transmissão da Cultura Letrada no Mundo Ibérico (Séculos XVI-XVIII)*, org. Leila M. Algranti, & Ana P. Megiani (São Paulo: Alameda Editorial, 2009), 277-96, em especial em 279.

¹⁸ Jean Garnier, *Systema Bibliothecae Collegii Parisiensis Societatis Jesu* (Paris: Sebastian Mabre Cramoisy, 1678), 15 et seq.

¹⁹ Ver “Catálogo de Livros da Biblioteca do Conde da Barca”, passim.

²⁰ Angela M. Bettencourt, *A Representação da Informação na Biblioteca Nacional: Do Documento Tradicional ao Digital* (Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014) 100-1.

²¹ Vise Bettencourt, onde cita James D. Brown, *Manual of Library Classification and Shelf Arrangement* (London: Library Supply Company, 1898).

²² Bettencourt, 101; Brown, 43.

Nesse contexto, só nos restou estender a pesquisa e procurar compreender como se elaboravam os catálogos à época em que os livros do conde da Barca foram colocados à venda, o que será exposto, resumidamente, a seguir.

Bibliógrafos e catálogos

No período a que se dedica o presente trabalho, os catálogos eram elaborados pelos bibliógrafos, pessoas com profundo conhecimento dos livros, suas edições e todos os detalhes relacionados às publicações, a quem cabia preparar catálogos. Associado a este ‘especialista’, estava a “ciência da bibliografia”²³. Como muitas vezes os catálogos eram preparados para a venda de uma coleção (quase sempre espólio) e impressos num período em que o trabalho gráfico era muito dispendioso, apenas os livros antigos e raros tinham lugar na seleção. Para os livros mencionados no catálogo, era comum apresentar também comentários sobre seu conteúdo e a edição, alertando, ainda, para as edições piratas.

A elaboração dos catálogos poderia seguir diferentes critérios. Enquanto alguns catálogos apresentavam as publicações em ordem alfabética, outros se baseavam no formato dos livros (fólio, 4º, 8º, etc.), ou ainda, em sua localização no espaço da biblioteca. Mas, essas maneiras de organizar os catálogos nem sempre satisfaziam e, assim, o bibliógrafo deveria estar munido de um plano metódico para “dividir e subdividir em diversas classes tudo que é o objeto de nossos conhecimentos, cada uma das classes primitivas podendo ser considerada como um tronco que tem galhos, ramos e folhas”²⁴. Esta afirmação faz parte do verbete “catálogo” da *Encyclopédie*, obra organizada por Denis Diderot (1713-1784) e Jean le R. d’Alembert (1717-1783). Segundo o autor deste verbete, o livreiro e impressor Michel-A. David (1717-1769, um dos impressores da *Encyclopédie*), a grande dificuldade estava em determinar a relação entre as classes primitivas e “atribuir a cada uma delas, a grande quantidade de galhos, ramos, e folhas que lhes pertencem”, constituindo o denominado “sistema bibliográfico” utilizado para dispor os livros tanto numa biblioteca quanto num catálogo.²⁵ Assim, da mesma forma que se propunham árvores do conhecimento ou das ciências, temos aqui as árvores bibliográficas.

Como lembra David, muitos bibliógrafos mereceriam ser mencionados, mas o mais importante deles era o livreiro e impressor Gabriel Martin (1769-1761). David não está sozinho no elogio a este bibliógrafo, mencionado, décadas mais tarde, por Boulard, em seu *Traité élémentaire de bibliographie*, obra a que já nos referimos acima. Boulard dedicou esse

²³ Ver Guillaume-F. De Bure, *Bibliographie instructive* (Paris: Gogue et Née de la Rochelle, 1782), que apresenta um “Discours sur la science bibliographique et sur les devoirs du bibliographe,” X: xi –xxxii.

²⁴ Denis Diderot, & Jean le R. d’Alembert, org., *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres* (Paris: Briasson, David, Le Breton, Durand puis Neufchâtel: S. Faulche, 1751), II: 759.

²⁵ *Ibid.*, 759-60.

trabalho, de 1804, que não é um catálogo, aos bibliógrafos e mais particularmente aos bibliotecários e aos livreiros. Ele lembra que até à época de Martin, os catálogos destinados à venda de livros eram organizados por ordem de formato, obrigando o leitor a idas e vindas no texto para localizar as obras de seu interesse.²⁶ A consulta ao trabalho de Martin, mostra que seu sistema bibliográfico comportava cinco classes (ramos) principais: Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Belas-Letras e História.²⁷ Tal sistema, com algumas modificações, foi utilizado por muitos dos estudiosos dos livros a partir da metade do século XVIII.

Assim, essas mesmas cinco classes principais (com variações nas subdivisões) e nessa mesma sequência foram seguidas por Brunet, mencionado como fonte para a elaboração do catálogo que estamos estudando. Elas fazem parte da “Ordem das principais divisões da Tabela metódica, em forma de catálogo racional [lógico]” proposta pelo autor.²⁸ Antes, porém, de abordar sua classificação, vejamos quem era esse bibliógrafo, o que nos dará uma visão melhor do mundo dos livros à época, ao menos na França.

Diferente de Garnier, um teólogo da Companhia de Jesus, Brunet foi, como seu pai, Thomas Brunet (1744-1824), um livreiro em Paris. Convém lembrar que até o início do século XIX, os livreiros, na França, eram também editores (compravam os manuscritos, os faziam imprimir e, por fim, vendiam os livros impressos em suas livrarias). Nesse período, mais especificamente em 1810, ocorreu uma separação entre o que seria um editor e um livreiro.²⁹ De qualquer forma, continuava a ser atribuição do livreiro a descrição dos livros e as vendas das bibliotecas. Brunet trabalhou com seu pai, colaborando na elaboração dos catálogos para as vendas realizadas na livraria da família e dedicou-se, ao mesmo tempo, com muito afinco, a aprender o que ele denomina “a ciência da bibliografia”, refletida em obras de caráter mais geral. Uma de suas primeiras publicações, saída a público, anonimamente, em 1802, foi um suplemento ao *Dictionnaire bibliographique des livres rares* de André-C. Cailleau (1731-1798), em que os títulos eram apresentados em ordem alfabética.³⁰ Anos mais tarde, em 1810, saiu à luz, por Brunet Libraire et Leblanc, Imprimeur-Libraire, seu *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, em três volumes no total, divididos em duas partes: 1) um dicionário

²⁶ Boulard, 3.

²⁷ Gabriel Martin, *Catalogue des livres provenans de la Bibliothèque de Feu M. de Boze* (Paris: Martin, 1759), i-vij.

²⁸ Jacques C. Brunet, *Manuel du Libraire et de l'Amateur de livres*, contenant, 1. *Un nouveau dictionnaire bibliographique [...]* 2. *Une table en forme de catalogue raisonné [...]* (Paris: Brunet et Leblanc, 1810) IIII: v-xi. A edição de 1810, em três volumes, teve várias reedições, com acréscimos, ampliando, assim, o número de volumes. Para o que interessa nesta pesquisa – a árvore dos livros, ou “a ordem das principais divisões” – não houve mudança entre a primeira edição e a segunda (1814), publicadas antes da elaboração do catálogo dos livros do Conde da Barca.

²⁹ Jean-Y. Mollier, “Éditer au XIXe. siècle,” *Revue d'histoire littéraire de la France* 107 (2007): 771-90, especialmente em 775-6.

³⁰ O referido texto de André-C. Cailleau é o *Dictionnaire bibliographique, historique et critique des livres rares, précieux, singuliers, curieux, estimés et recherchés ...* (Paris: Cailleau & J.J Tutot, 1791).

bibliográfico (2 volumes), onde constam, em ordem alfabética, livros raros e antigos, com comentários sobre as edições, etc., como era costume; entretanto, como considerava a ordem alfabética ineficiente, ele ajunta 2) um “catálogo racional” das obras (raras e antigas) presentes no dicionário, a que acrescenta de 3 a 4 mil obras ‘úteis’, mas de preço comum. Este catálogo, que segue uma ordem metódica, deveria facilitar a busca das “publicações mais essenciais sobre tal ou tal parte das ciências ou da literatura”. Assim, esperava Brunet, ao unir a ordem alfabética e o arranjo metódico, sua obra não seria “uma simples compilação [mas] ofereceria a substância da melhor parte das mais reconhecidas obras de Bibliografia”.³¹

A publicação de Brunet teve várias edições ao longo século XIX e passou a fazer parte das bibliotecas de muitos bibliógrafos, já desde a sua primeira edição. Como no catálogo de Martin, as classes principais, são: Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Belas Letras e História, divididas e subdivididas em grande número de categorias.³² Pensando numa comparação entre a classificação de Brunet e aquela do catálogo dos livros do Conde da Barca, foi escolhido como exemplo a subdivisão “Ciências e Artes”, que se encontra dividida em “Ciências” e “Artes e Ofícios”. As “Ciências”, por sua vez, apresenta subdivisões conforme o quadro 1, abaixo:

Quadro 1. Subdivisões das ciências no *Manuel du libraire...* de Brunet³³

I- Filosofia
1- Introdução, História e Dicionários
2- Filósofos antigos
3- Filósofos modernos
II- Lógica
III- Metafísica
IV- Moral
V- Economia
VI- Política
VII- Economia Política
1- Tratados gerais
2- População, Política, etc.
3- Finanças
4- Comércio
5- Colônias
6- Navegação interior
7- Estatística geral
VIII- Física
IX- Química

³¹ Jacques-C. Brunet, *Manuel du libraire et de l'amateur de livres* (Paris: Brunet et Leblanc, 1810, I: vi.

³² *Ibid.*, III: v-xi.

³³ *Ibid.*, III: vi-vii.

X- História Natural

- 1- Dicionários, Sistemas, Tratados elementares
- 2- Obras relativas a diferentes partes da História Natural
- 3- Historia natural da Terra, das Montanhas e dos Vulcões
- 4- História natural das Águas
- 5- Reino mineral
- 6- Agricultura
- 7- Botânica
- 8- Zoologia, ou História Natural dos animais: quadrúpedes, pássaros, peixes, cetáceos, insetos, aracnídeos, crustáceos, moluscos
- 9- História natural dos diferentes países
- 10- Miscelânea de História natural
- 11- Desvios da natureza, Monstros, Prodígios, etc.
- 12- Gabinetes e Coleções de História Natural

XI- Medicina

- 1- História da Medicina e dos médicos
- 2- Dicionários, Compilações e Bibliotecas de Medicina
- 3- Tratados gerais elementares
- 4- Médicos gregos
- 5- Médicos latinos
- 6- Médicos árabes
- 7- Médicos modernos, cujas obras estão reunidas em corpus
- 8- Anatomia
- 9- Fisiologia
- 10- Higiene
- 11- Dietética
- 12- Patologia
- 13- Terapêutica
- 14- Medicina legal
- 15- Matéria médica
- 16- Miscelânea de medicina
- 17- Cirurgia
- 18- Farmácia e Farmacopeia
- 19- Medicina Veterinária

XII- Matemáticas e ciências que delas dependem

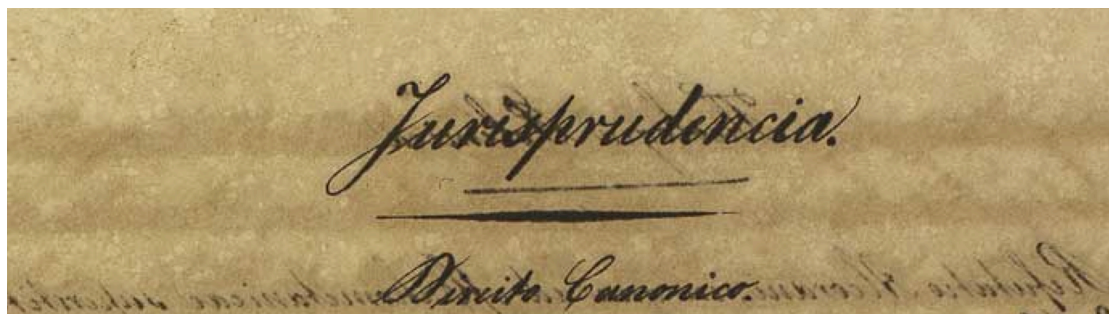
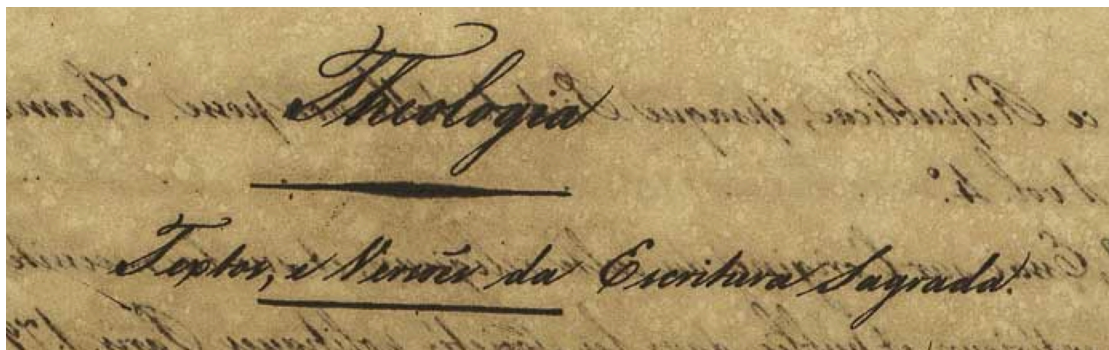
- 1- História das Matemáticas
- 2- Matemáticas antigas, gregas e latinas
- 3- Dicionários, Elementos, Tratados gerais
- 4- Obras de matemáticos modernos que têm relação com as várias partes das ciências
- 5- Matemáticas puras
 - Aritmética*
 - Álgebra*
 - Geometria e Trigonometria*
- 6- Matemáticas Aplicadas
 - Mecânica*

- 7- Astronomia
- 8- Óptica, Dióptrica, Catróptica
- 9- Perspectiva
- 10- Marinha
- 11- Arte Militar
- 12- Traçado de Pontes e Calçadas
- XIII- Apêndice às Ciências
 - 1- Filosofia oculta
 - 2- Alquimia
 - 3- Medicina espagírica
 - 4- Astrologia e Previsões astrológicas

Como se vê, as denominações das classes utilizadas por Brunet são muito diferentes daquelas apresentadas por Brown, mencionadas anteriormente. Mais importante, porém será analisar as subdivisões da classificação aplicada à biblioteca do Conde da Barca, para verificar quanto ela se aproxima daquela de Brunet, exposta acima.

Convém observar inicialmente que, enquanto a publicação de Brunet apresenta numeração para as divisões e subdivisões, no catálogo da biblioteca do Conde da Barca elas são indicadas com o uso de letras de tamanhos diferentes, como se pode ver nos exemplos abaixo (Figura 1).

Fig. 1. Divisões no catálogo da biblioteca do Conde da Barca³⁴



³⁴ "Catálogo de livros da Biblioteca do Conde da Barca", fls. 1 e 6.

No entanto, em alguns casos, quando era esperado ter letras de tamanhos diferentes (tendo em vista os diversos catálogos publicados à época), o manuscrito original não as apresenta, como se pode ver no exemplo abaixo (Figura 2).

Fig. 2. Variações no catálogo da biblioteca do Conde da Barca³⁵



Nesses casos foi necessário supor localizações de divisões e subdivisões, com base principalmente na classificação de Brunet. Como se pode ver abaixo (Quadro 2), algumas divisões aparecem duplicadas, pois se escolheu manter a localização original conforme o manuscrito e indicar entre colchetes “[]” uma outra possível localização. Como foi necessário um intenso estudo do manuscrito para elaborar a árvore bibliográfica para os livros do Conde da Barca, esta será apresentada por inteiro.³⁶

Quadro 2. Árvore bibliográfica da biblioteca do Conde da Barca

-
- ❖ Teologia
 - Textos e Versões da Escritura Sagrada
 - Teólogos e Moralistas
 - Catecismos e Orações
 - Teologia Mística ou Contemplativa
 - Orações Sagradas
 - Teologia Polêmica

³⁵ Ibid., fl. 13.

³⁶ Brum, op. cit., p. 28-32, fez a transcrição das divisões do catálogo, considerando três classes gerais (Teologia, Jurisprudência, Ciência e Artes) sob as quais colocou todas as demais divisões, diferente, portanto, do trabalho aqui apresentado.

- Teologia Heterodoxa
- ❖ Jurisprudência
 - Direito Canônico
 - Direito Eclesiástico Português
 - Direito Civil, da Natureza, e das Gentes, Direito Público
 - Direito Pátrio
 - Legislação Estrangeira
 - Espanha
 - França
 - Inglaterra
 - Alemanha
 - Holanda
- ❖ Ciências e Artes
 - Filosofia
 - Ética, ou Moral
 - Economia
 - Política
 - Comércio, e Finanças
 - História Natural
 - História Natural em geral
 - História Natural dos Elementos
 - Mineralogia
 - Metalurgia
 - História Natural dos fósseis e das petrificações
 - História Natural das pedras
 - História Natural das águas, banhos e águas minerais
 - Agricultura e Jardinagem
 - Botânica
 - História Natural dos Animais
 - História Natural dos Animais Anfíbios
 - História Natural dos Peixes
 - História Natural das Conchas
 - História Natural dos Insetos do Rio e da Terra
 - Hist. Geral dos Insetos
 - História Natural dos Monstros e Prodígios
 - Gabinetes, ou Coleções de Curiosidades da Natureza e da Arte
 - Medicina
 - Anatomia
 - Medicina Veterinária
 - Química
 - Física em geral
 - [Física em geral]
 - [Química]
 - Matemática
 - Astronomia
 - Astrologia
 - Hidrografia
 - Óptica e Perspectiva
 - Música
 - Mecânica
 - Artes

- Arte do Desenho e Pintura
 - Arquitetura
 - Arquitetura Militar
 - Arte Militar
 - Arte Pirotécnica, ou do Fogo, de Fundação etc.
 - Ginástica
 - Artes, e Ofícios Mecânicos
 - [Ginástica]
 - [Artes e Ofícios Mecânicos]
- ❖ Belas-Letras
 - Gramáticas e Dicionários
 - Retórica
 - Oradores Gregos
 - Oradores Latinos
 - Poética
 - Poetas Gregos
 - Poetas Latinos
 - Poetas Latinos de Nações Estrangeiras
 - Poetas Portugueses
 - Poetas Espanhóis
 - Poetas Franceses
 - Poetas Italianos
 - Poetas Alemães
 - Teatro
 - Teatro Grego
 - Teatro Latino
 - Teatro Português
 - Teatro Espanhol
 - Teatro Francês
 - Teatro Inglês
 - Teatro Alemão
 - Mitologia
 - Fábulas, Apólogos, etc.
 - Facécias, Peças Burlescas, etc.
 - Contos e Novelas
 - Romances
 - Filologia
 - Tratados de Estudos e da Literatura
 - Crítica
 - Sátiras, Invectivas, Defensas, Apologias, etc.³⁷
 - Adágios, Provérbios, etc.
 - Discursos Filológicos, Critigos, Alegóricos, etc.
 - Poligrafia
 - Diálogos e Entretenimentos
 - Coleções de Cartas
- ❖ História
 - Geografia em geral
 - Viagens em geral
 - Cronologia

³⁷ Foi adotada a grafia moderna da língua portuguesa.

- História Universal
 - História Eclesiástica
 - História Profana da Monarquias Antigas
 - História dos Judeus
 - História geral das 4 Monarquias Antigas, dos Caldeus, Babilônios, etc.
 - [História Grega]?
 - [História Romana]?
 - História Grega
 - História Romana
 - História de Portugal
 - História da Espanha
 - História da França
 - História da Inglaterra
 - História da Alemanha
 - História da Prússia
 - História da Itália
 - História da Holanda
 - História da Suíça
 - História da Suécia
 - História da Polônia
 - História da Rússia
 - História Oriental
 - História dos Turcos
 - História da Ásia
 - História da África
 - História da América
 - História dos Estados Unidos da América
 - História Genealógica
 - História Política ou Diplomática
 - Antiguidades
 - Museus, Pedras gravadas, Inscrições, Numismática
 - História Literária
 - Vida dos Homens Ilustres
 - Apêndice
-

Considerações finais

Certamente, para elucidar melhor a classificação dos livros do Conde da Barca, muito mais estudos deveriam ser realizados. No entanto, essa primeira aproximação das classificações propostas no século XVIII e início do XIX já permite algumas conclusões. A primeira e mais evidente é que os livros do Conde da Barca não foram classificados de acordo com Garnier. A classificação de Brunet, ao menos quanto às grandes classes, seria a que mais se aproxima do caso aqui estudado, ainda que se observem algumas diferenças.

Uma delas é a localização, no caso dos livros do Conde da Barca, de “Física em geral” e “Química”, como subdivisão de “Medicina” e não como subdivisão das “Ciências”. Talvez isso se deva ao fato de essas áreas do conhecimento terem se estabelecido em Portugal como parte dos estudos em Medicina (com a reforma da Universidade de Coimbra, em 1772),³⁸ relação que pode ter sido mantida na elaboração do catálogo, objeto desta pesquisa. Também se nota a introdução de áreas não representadas na classificação de Brunet como pirotecnia), mas observada em Martin.³⁹

Importante ressaltar que se trata de um período de transição, em que alguns ramos relativos às ciência, na árvore do conhecimento desaparecem, enquanto outros, representando novas especialidades vão surgindo e se fortalecendo, dando origem a ramos que parecem fora de lugar. Assim, não seria de se esperar que um modelo único fosse seguido e mais estudos são necessários para tentar perceber como foi feita a classificação dos livros levados a leilão em 1818. De qualquer forma, essa coleção e sua classificação refletem não só a forma de pensar daquele momento como também da pessoa que está fazendo uso dos livros.

³⁸ Márcia H.M. Ferraz, *As Ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822): O Texto Conflituoso da Química* (São Paulo: Educ; Fapesp, 1997), 39 et seq.

³⁹ Martin, iii.